Federico Rivanera Carlés

A Inexistência do Holocausto Judeu e a Realidade do Holocausto Alemão

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Federico Rivanera Carlés

A Inexistência do Holocausto Judeu e a Realidade do Holocausto Alemão

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Da abundante bibliografia que refuta a mentira do Holocausto judeu, destaca-se o já famoso estudo realizado pelo engenheiro judeu Alfred A. Leuchter, o maior especialista do mundo em construção de câmaras de gás para execuções. Contratado pelo germano-canadense Ernst Zundel, como prova para o julgamento a que foi submetido por ser negador daquele, Leuchter e sua equipe realizaram a investigação em Auschwitz-Birkenau e Majdanek de 25-II a 3-III-1988. Seu parecer, datado de 5-IV-1988 em Malden (Massachusetts), é conclusivo:

"O autor não encontrou nenhuma evidência de que as instalações, ou seja, as supostas câmaras de gás para execuções, tenham sido usadas como tal, e chegou, além disso, à conclusão de que, devido ao projeto e à fabricação dessas instalações, as mesmas jamais poderiam ter sido usadas como câmaras de gás para execuções. Além disso, uma avaliação das instalações dos crematórios mostra evidência terminante de que existe uma contradição entre o suposto volume de cadáveres cremados e o tempo geralmente necessário para isso. Por tudo isso, e pelo maior conhecimento técnico do autor, constata-se que *nenhuma das instalações investigadas foi jamais utilizada para a execução de seres humanos, e que os crematórios não poderiam ter suportado de nenhuma forma as supostas cargas atribuídas a eles*"[1].

A minuciosa investigação demonstra as tolas falsidades da lenda holocaustista, começando pelo gás Zyklon-B que supostamente foi utilizado, pois trata-se de um produto para fumigação e, por esse motivo, nenhum sistema de câmaras de gás **jamais foi projetado para usar o Zyklon-B**. A razão para isso é muito simples: o Zyklon-B necessita de tempo demais para evaporar (ou gasificar por ebulição) o HCN [ácido cianídrico ou prússico] do portador inerte, requer ar aquecido e um sistema de controle de temperatura. Não apenas o gás não se produz de forma instantânea, como sempre existe o perigo de explosão"[2].

1 O Relatório Leuchter. Primeira Perícia Forense nos Campos de Concentração de Auschwitz/Birkenau e Majdanek, p. 11, ed. Biblioteca de Textos Revisionistas, Buenos Aires, 1994.

2 Idem, p. 17.

No caso do crematório situado junto ao Hospital da SS em Auschwitz, o Krema I (originalmente uma morgue e depois abrigo antiaéreo), o exame revelou o seguinte: “Não havia sistemas de extração para ventilar o gás após seu uso e não havia aquecedores ou mecanismos para dispersar o gás Zyklon-B, nem para sua introdução ou evaporação. O Zyklon-B teria sido, supostamente, introduzido pelos respiradouros do teto e pelas janelas, o que não permite a *introdução do gás ou dos pellets*. As instalações estão sempre úmidas e sem aquecimento. Como constatado mais acima, a umidade e o Zyklon-B são incompatíveis. As câmaras de gás são estreitas demais para que caibam, fisicamente, os ocupantes que se pretendeu; e todas as portas se abrem para dentro, o que impediria a remoção dos corpos. Com as câmaras cheias ao máximo com ocupantes, não haveria circulação do HCN dentro do cômodo. Além disso, se o gás realmente tivesse preenchido a câmara por um tempo prolongado, as pessoas que teriam lançado o Zyklon-B pelos respiradouros do teto e verificado a morte dos ocupantes *teriam morrido elas mesmas por estarem expostas ao HCN* [...]. Supondo uma área de 9 pés quadrados (0,83 m²) por pessoa, a fim de permitir a circulação do gás, que é um espaço bastante reduzido, no máximo 94 pessoas poderiam estar nesse local de cada vez. Declarou-se, no entanto, que esse local poderia receber mais de 600 pessoas. A suposta câmara de gás não está, como foi dito antes, projetada para ser usada dessa forma. Não existe qualquer indício ou prova da presença de um sistema de escape de gases ou ventilador de qualquer tipo nessa edificação. O sistema de ventilação da suposta câmara de gás consistia simplesmente em quatro aberturas quadradas no teto, que evacuavam os gases a menos de dois pés do mesmo. Ao ventilar o gás de HCN dessa forma, *seria inevitável que ele alcançasse a vizinhança do hospital da SS, a pouca distância, do outro lado da estrada, matando os pacientes e o pessoal de saúde*. Devido ao fato de que o edifício não foi vedado para impedir vazamentos, já que nenhuma porta possui juntas para evitar que o gás chegue ao crematório, e que existem drenos que permitem ao gás alcançar todos os edifícios do campo, e não há qualquer sistema de aquecimento nem de circulação, tampouco sistema de ventilação ou chaminés, e nenhum sistema de distribuição de gás, além da umidade constante, e nenhuma circulação

devido ao número de pessoas nas câmaras, e nenhum modo de introduzir o material do Zyklon-B, *seria um suicídio tentar usar essa morgue como câmara de gaseamento.* Os resultados seriam uma explosão ou um vazamento de gás que afetaria todo o campo”[3].

Quanto a Majdanek, também a perícia técnica revela a mistificação: “As instalações de Majdanek estão, da mesma forma, incapacitadas para cumprir os supostos propósitos. Primeiro, há ali um crematório reconstruído, com uma suposta câmara de gás. A única parte do edifício que existiu antes da reconstrução consistia nos fornos. Supostamente, o edifício foi reconstruído com base em plantas que não existem. A instalação foi construída de tal forma que, dentro da suposta câmara de gás, não poderia ter se mantido gás; a câmara é pequena demais para acomodar tantas vítimas quanto se pretende que houve. O edifício está úmido e frio demais para utilizar o gás Zyklon-B de forma eficaz. O gás teria chegado aos fornos e, *depois de matar todos os técnicos, teria provocado uma explosão destruindo o edifício*. Além disso, a construção em concreto é, radicalmente, diferente dos outros edifícios do complexo. Em poucas palavras, *o edifício não poderia ter sido utilizado para seus supostos propósitos, pois faltam até as exigências mais mínimas de projeto para uma câmara de gás*”[4]. À mesma conclusão chegou o estudo das demais instalações de Majdanek[5]. O mesmo ocorre com as supostas cinzas exibidas no monumento comemorativo: “A inspeção visual do monte de cinzas comemorativas em Majdanek mostra cinza de uma cor estranha, *bege*. Os restos humanos reais produzem cinza (como sabe o autor por sua própria experiência) de cor cinza-ostra. Ao que parece, *o que há é areia na mistura do monumento comemorativo de Majdanek*”[6].

As conclusões finais da minuciosa investigação do maior perito na matéria são terminantes: “Depois de ter revisado todo o material e inspecionado todos os locais em Auschwitz, Birkenau e Majdanek, o autor encontra uma evidência esmagadora: *não havia câmaras de gás para execuções em nenhum desses lugares*. É opinião deste autor que as

3 Idem, pp. 20 e 26.
4 Idem, p. 20.
5 Idem, pp. 20-21.
6 Idem, p. 25.

supostas câmaras de gás nos locais inspecionados ***não poderiam ter sido utilizadas então nem agora. Tampouco devem ser seriamente consideradas as opiniões de que funcionaram como câmaras de gás para execuções***”[7].

O relatório científico do engenheiro Leuchter não foi refutado. Para punir aqueles que se atrevem a negar a existência do Holocausto, várias nações europeias impuseram nos últimos anos o crime de opinião, que denominam de forma bárbara e absurda “negacionismo”. Dessa forma, muitos escritores e historiadores foram perseguidos e presos. Há pouco tempo, a União Europeia institucionalizou tal aberração.

O fato suscitou até mesmo a condenação do escritor Mario Vargas Llosa — alinhado fervorosamente com os holocaustistas —, que escreveu um artigo a respeito no jornal *LA NACIÓN*, de Buenos Aires, do qual extraímos os trechos mais significativos:

“O Parlamento Europeu, por esmagadora maioria e com apenas duas ou três abstenções, declarou como crime que deve ser penalizado negar o Holocausto [...]. Penso que há um risco muito grande para a liberdade intelectual — para a cultura — e para a liberdade política em reconhecer aos governos e parlamentos a faculdade de determinar a verdade histórica, punindo como criminosos aqueles que se atrevam a contestá-la. Por mais que tenham uma origem democrática limpa, como é o caso do Parlamento Europeu, aqueles que detêm o poder político não estão em condições de decidir, com a objetividade, o rigor científico e a imparcialidade moral que exige um trabalho intelectual responsável, a natureza e o significado dos fatos que formam a história […]

>Nas mãos dos políticos, a história deixa de ser uma disciplina acadêmica, uma ciência, e se torna um instrumento de luta política, para ganhar pontos contra o adversário ou promover a própria imagem. É compreensível que aqueles que vivem assediados e escravizados pela urgência do presente e pelas servidões do poder careçam da mínima

7 Idem, p. 34.

disposição de espírito e da serenidade intelectual necessária para chegar a julgamentos aceitáveis sobre assuntos precisos do acontecer histórico”[8].

Mais uma vez fica claro o tipo de liberdade existente na democracia, que não é outra coisa senão o governo do povo judeu através de seus representantes: aquele que não se soma ao coro da mentira é afastado da sociedade e estigmatizado como criminoso.

✠

Foi o judaísmo que idealizou um autêntico e espantoso genocídio do povo alemão para apagá-lo da face da terra. Esta é a única *“solução final” e não a invenção atribuída a Hitler para aniquilar os judeus*. Ela está contida no monstruoso Plano Kaufman.

O judeu Theodore N. Kaufman, empresário norte-americano, escreveu um pequeno livro intitulado *Germany must perish!* (¡A Alemanha deve perecer!), que apareceu em julho de 1941[9], cinco meses antes da entrada desse país na guerra e antes da execução da pretensa “solução final” contra os judeus. Jamais na história se concebeu um projeto tão monstruoso de aniquilamento de uma nação e de seu povo.

Após a suposta demonstração de que os alemães são um povo de sádicos assassinos, encerra-se o capítulo 6 com um grito carregado de ódio insondável que sintetiza a solução que propõe: “Que a Alemanha deve desaparecer para sempre deste planeta!”. No capítulo 7, intitulado Morte à Alemanha, propõe a esterilização completa de toda a população alemã, então estimada em cerca de 70 milhões. ***“Para alcançar o projeto de extinção germânica, seria necessário esterilizar cerca de 48.000.000***, cifra que exclui, em razão da limitada capacidade de procriar, os homens com mais de 60 anos de idade e as mulheres com mais de 45 anos”[10]. As medidas a serem implementadas após a vitória aliada são as seguintes:

8 M. Vargas Llosa, Proibido mentir, LA NACIÓN, Buenos Aires, 12-V-2007, p. 31.
9 Argyle Press, Newark, Nova Jersey. O texto se encontra em vários sítios da Internet.
10 http://www.adecaf.com/geno/dresde/Alemania...

“1º. Desarmamento imediato e completo do exército alemão e retenção de todo o armamento requisitado no território alemão.

2º. Colocar todos os serviços e as plantas da indústria pesada sob forte custódia e substituir os trabalhadores alemães por trabalhadores de procedência aliada.

“3º. Segregar o exército alemão em grupos, concentrá-los separadamente em zonas severamente restritas e *esterilizá-los sumariamente*.

4º. Organizar a população civil, homens e mulheres, em setores territoriais *e levar a cabo sua esterilização*.

5º. *Dividir o exército alemão (depois que sua esterilização tenha sido concluída) em batalhões de trabalho e distribuí-los a serviço da reconstrução daquelas cidades que eles devastaram.*

6º. ***Dividir a Alemanha e repartir suas terras***. O mapa anexo (ao final do livro) dá uma certa ideia do possível reajuste territorial que pode ser feito ***em relação à extinção da Alemanha***.

7º. Restringir todos os civis alemães de viajar além das demarcações estabelecidas, *até que toda a esterilização tenha sido concluída*.

8º. Compelir a população alemã dos territórios repartidos a aprender o idioma de sua área e, *em um ano, cessar a publicação de todos os livros, jornais e notícias em língua alemã, bem como restringir a transmissão radiofônica em língua alemã e cessar a manutenção das escolas de língua alemã*.

9º. Fazer uma exceção *à severamente estrita compulsão da esterilização total*, isentando desse tratamento apenas aqueles alemães cujos parentes que, sendo cidadãos das diferentes nações vencedoras, assumam a responsabilidade por sua emigração e manutenção, bem como a responsabilidade moral por seus atos”[11].

Quais foram os julgamentos da imprensa norte-americana sobre este espantoso plano?

11 *Ib.* Realizei algumas correções na tradução.

• “*Um plano para a paz permanente entre as nações civilizadas*”. THE NEW YORK TIMES[12].

• “*Uma teoria provocativa, interessantemente apresentada*”. THE WASHINGTON POST.

• “*Uma ideia sensacional*”. TIMES MAGAZINE.

Outro projeto de aniquilamento da Alemanha é o famoso Plano Morgenthau 13•, cujo autor foi nada menos que o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, o judeu Henry Morgenthau Jr. (1891–1967)14•, maçom e membro da B’nai B’rith 15•. Com o título *Germany Is Our Problem* (A Alemanha é o nosso problema, 1945), sustenta a necessidade de despojar essa nação de boa parte de seu território e dividir o restante em dois países, Alemanha do Norte e Alemanha do Sul. A nação germânica, portanto, desapareceria como tal, e seu pequeno território cindido seria desindustrializado e convertido em uma zona agrária. Roosevelt aprovou o plano e Churchill, que a princípio resistiu por motivos de tática política, acabou fazendo o mesmo com sua assinatura. No entanto, ao perceber a rejeição que isso provocaria na população e em alguns chefes militares, desistiu-se de aplicá-lo.

A existência de tais planos revela a mentalidade criminosa predominante em ambos os países aliados, a qual se manifestou nos horrores que Alemanha sofreu durante a guerra e no pós-guerra. O povo alemão sofreu uma destruição horrível, tanto em sua população quanto em suas cidades e vilas, em decorrência de terríveis bombardeios que não respondiam a nenhuma exigência militar. E, após o cessar das hostilidades, em diversos fatos indescritíveis e horrendos, como o ocorrido com os habitantes do Leste, pereceram inúmeros inocentes. Os milhões de civis mortos — idosos, mulheres e crianças — constituem um verdadeiro holocausto, do qual é responsável o judaísmo internacional.

12 O jornal foi adquirido em 1896, quando se encontrava em franco declínio, pelo hebreu Adolph Simon Ochs, cuja única filha, Iphigene, casou-se com Arthur Hays Sulzberger (1891-1968), que se tornou editor e presidente do mesmo em 1935, ao morrer seu sogro. Em 1961 ele se aposentou parcialmente e, embora tenha mantido a presidência, nomeou como editor seu genro Orvil Eugene Dryfoos (1962-1963). A este sucedeu seu cunhado Arthur Ochs Sulzberger (n. 1926).

O comportamento judeu é o de sempre, pois basta recordar a forma sanguinária e o salvajismo destrutivo de Josué e seus soldados na conquista de Canaã, onde foram assassinados aos montes incontáveis idosos, crianças e mulheres, por exemplo, em Jericó: “Apoderando-se da cidade, deram ao anatema tudo quanto nela havia, e à espada homens e mulheres, crianças e velhos, bois, ovelhas e jumentos [...]. Os filhos de Israel queimaram a cidade com tudo quanto nela havia” (Js 6, 21 e 24). O mesmo proceder observam os judeus desde 1948 na mesma terra da qual se apoderaram novamente.